

A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa

Sexuality in adolescents with autistic spectrum disorder (ASD): An integrative review

Sexualidad en adolescentes con transtorno del espectro autista: Una revisión integradora

Recebido: 28/04/2021 | Revisado: 02/05/2021 | Aceito: 08/05/2021 | Publicado: 22/05/2021

Marcia Helena Rodrigues de Freitas Arend

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5350-9498>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: marciaarend@hotmail.com

Eduardo Timm Maciel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5215-3728>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: etmfisio@gmail.com

Alessandra Andrade Fantinelli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3176-9491>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: amafantinelli@gmail.com

Danielen Egges

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5077-0869>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: danielenegges.aluno@unipampa.edu.br

Susane Graup

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3389-8975>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: susanegraup@unipampa.edu.br

Rodrigo de Souza Balk

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5254-6732>
Universidade Federal do Pampa, Brasil
E-mail: rodrigobalk@unipampa.edu.br

Resumo

Introdução: o transtorno do espectro autista (TEA) é visto como um distúrbio global do desenvolvimento, cujas áreas afetadas são a linguagem, a cognição e a interação social. Assim, a imaturidade, especialmente percebida pelos seus familiares, agrava a dificuldade em lidar com assuntos acerca da sexualidade, causando resistência em aceitar que o autista seja possuidor de direitos em relação aos seus desejos e manifestações sexuais. *Objetivo:* analisar as evidências científicas a respeito do desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas. *Metodologia:* trata-se de uma revisão integrativa de literatura, elaborada por meio da busca e síntese dos resultados de estudos publicados, relacionados à sexualidade e autismo. Em pesquisa realizada na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizou-se a seguinte estratégia de busca: Educação Sexual, Sexualidade, Adolescente e Transtorno Autístico, indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no sistema de métodos médicos da língua inglesa Medical Subject Headings (MeSH). Ainda, para a busca avançada, aplicou-se a terminologia booleana “and”, cobrindo, portanto, o período de 2015 até junho de 2020, nos idiomas português, inglês e espanhol. *Resultados:* 05 artigos preencheram os critérios de elegibilidade, sendo selecionados e analisados. Os resultados apontam para que o tema seja discutido considerando a efetiva possibilidade de manifestação e vivência da sexualidade por partes dos acometidos por TEA, contribuindo, assim, para a melhora da sua qualidade de vida. *Conclusão:* tratar sobre a sexualidade de pessoas com algum tipo de deficiência, limitação ou necessidade especial, embora complexo, é fundamental para questionar equívocos, mitos e exclusões.

Palavras-chave: Transtorno autístico; Educação sexual; Sexualidade; Adolescente.

Abstract

Introduction: Autism spectrum disorder (ASD) is considered a global development disorder affecting language, cognition and social interaction. The immaturity, especially perceived by their families, exacerbates the difficulty to handle issues about sexuality, causing difficulty in accepting that the autistic has rights in relation to his/her sexual desires and manifestations. *Objective:* to analyze the scientific evidence concerning the sexual development in autistic teenagers. *Methodological Approach:* an integrative literature review was conducted by searching and synthesizing the findings of published studies regarding sexuality and autism. In a search conducted in the Virtual Health Library (VHL) database, it was used the following search strategy: Sexual Education, Sexuality, Adolescent and Autistic

Disorder, as indexed in the Descriptors in Health Sciences (DeCS) and in the medical methods system of the English language Medical Subject Headings (MeSH). Furthermore, for the advanced search, the Boolean terminology "and" was applied. Hence, covering the period from 2015 to June 2020, in Portuguese, English and Spanish. **Results:** 05 articles have met the eligibility criteria, being selected and analyzed. The results indicate that the theme should be discussed considering the effective possibility of manifestation and experience of sexuality by those affected by ASD, thereby contributing to the improvement of their quality of life. **Conclusion:** although complex, it is fundamental to discuss the sexuality of people with some disabilities, limitations or other special needs, in order to question misconceptions, myths and exclusions.

Keywords: Autistic disorder; Sex education; Sexuality; Adolescent.

Resumen

Introducción: El desorden del espectro autista (DEA) es considerado como um trastorno global del desarrollo que afecta a las áreas del lenguaje, la cognición y la interacción social. Por lo tanto, la inmadurez, especialmente detectada por los integrantes de la familia, acentúa la dificultad en el tratamiento de las situaciones relativas a la sexualidad, causando resistencia a la aceptación de que el autista tiene derecho sem lo que respecta a sus deseos y a sus manifestaciones sexuales. **Objetivo:** analizar las evidencias científicas respecto al desenvolvimiento de la sexualidad en adolescentes autistas. **Enfoque metodológico:** se trata de una reseña bibliográfica integradora, desarrollada a través de la búsqueda y síntesis de los resultados de los estudios publicados vinculados a la sexualidad y el autismo. Se utilizó la siguiente estrategia de búsqueda en la base de datos de la Biblioteca Virtual de Salud (BVS): Educación Sexual, Sexualidad, Adolescente y Trastorno Autístico, catalogados en los Descriptores en Ciencias de la Salud (DeCS) y en el sistema de Encabezamientos de Temas Médicos (MeSH). También, para la búsqueda avanzada, se empleó la terminología booleana "and". De este modo, abarca el período comprendido entre 2015 y junio de 2020, en los idiomas portugués, inglés y español. **Resultados:** 05 artículos han cumplido los criterios de admisión, siendo seleccionados y analizados. Los resultados indican que el tema se discute atendiendo a la posibilidad efectiva de manifestación y vivencia de la sexualidad por parte de los afectados por el TEA, colaborando así a la mejoría de su calidad de vida. **Conclusión:** tratar la sexualidad de las personas con algún tipo de discapacidad, limitación o necesidad especial, a pesar de ser complejo, es fundamental para cuestionar ideas erróneas, mitos y exclusiones.

Palabras clave: Trastorno autístico; Educación sexual; Sexualidad; Adolescente.

1. Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/1990 art. 2º, considera adolescente aqueles indivíduos com faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, já para a Organização Mundial de Saúde (OMS), essa classificação aprecia a faixa etária entre 10 e 19 anos incompletos (Moraes et al., 2019). Mais do que um período cronológico, a adolescência pode ser compreendida como uma fase ou etapa marcada por modificações que vão desde as biológicas até psicológicas e sociais, e também referentes a mudanças no relacionamento do indivíduo com objetivos e metas que faz para a vida (Oliveira e Machado, 2018). Dessa forma, a segunda década de vida constitui um período crítico de desenvolvimento psicossocial, pois os indivíduos estão encontrando sua identidade, conhecendo os mecanismos de relações pessoais e aprendendo a lidar com comportamentos problemáticos para, enfim, assumir uma personalidade estável (Meeus, 2016).

Nesse contexto, a sexualidade é um aspecto discursivo qualificado como fundamental no processo de construção da identidade, abrangendo possibilidades ao desenvolvimento humano que não se reduzem ao ato sexual ou potencialidade reprodutiva, mas se relacionam com plurais experiências vinculares e afetivo-sexuais durante toda a vida humana (Zerbinati e Bruns, 2017). A visão da sociedade acerca do portador de deficiência mental é de como alguém que não pensa e que está fora do mundo da sexualidade (Dickerson, 1982; Lipp, 1988; Beenstein, 1992), uma vez que as famílias, ao menos na esfera da fantasia, seu filho é visto como uma eterna criança, sem modelos de críticas e valores que representam o adulto (Pinheiro, 2004).

Entretanto, na sociedade atual, segue predominando o pensamento de um único modelo social, onde a mesma é vista como um problema nas pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), já que não corroboram com o modelo social vigente e, em consequência, há uma supressão de suas vivências sexuais (Villamayo, 2020). Os estudos de Nosek e Simmons (2007) apontaram que uma das barreiras de restrição ao acesso a informações sobre sexualidade é o isolamento social das pessoas com deficiência. Portanto, para que haja uma percepção acerca do entendimento em relação a sexualidade individual

da pessoa com deficiência, deve-se primeiro ponderar a maneira como ela, em uma forma ampla, foi construída através da cultura, do julgamento, e do controle sobre os corpos e sobre as práticas sexuais das pessoas (Foucault, 1999).

À vista disso, existe um discurso inapropriado em relação às deficiências, em especial o espectro do autismo (Nascimento e Bruns, 2019). O TEA é visto como um distúrbio global do desenvolvimento, cujas áreas comprometidas convergem para a linguagem, cognição e a interação social (Pinheiro e Filho, 2020). A imaturidade, especialmente percebida pelos seus familiares, agrava a dificuldade em lidar com o assunto, causando resistência em aceitar que o autista seja possuidor de direitos em relação aos seus desejos e manifestações sexuais (De Tilio, 2017). Assim, o reconhecimento de que os autistas possuem direito à liberdade sexual é o mesmo que sustentar a disposição do próprio corpo, pois a negação aumenta a vulnerabilidade dessa população (Rocha e Mesquita, 2018).

Diante desse cenário, a sexualidade do adolescente com TEA possui barreiras, pois, a falta de consciência e habilidades sociais, dificuldade de leitura social e um déficit na mentalização (a capacidade de compreender os próprios estados mentais e os dos outros como, por exemplo, pensamentos, crenças, desejos), são deficiências características do transtorno que podem reduzir as experiências com pares (Fernandes et al., 2016). Com tantas dificuldades, o autista apresenta impasse em interpretar figuras de linguagem e sinais sutis, sendo assim, a educação sexual informal pode se tornar ineficaz (Otoni e Maia, 2019).

Pelo exposto, paira a dúvida acerca da sexualidade da pessoa acometida pelo TEA, se ocorre de maneira natural, no qual o imaginário e o simbólico tornam-se peças-chaves para o real concretizar, ou se há uma divergência entre o ser e o saber. A fim de compreender a forma mais adequada de promover orientação neste período crítico do desenvolvimento humano, frente aos desafios e barreiras que o TEA impõe, nasce o questionamento: como ocorre o desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas? Diante disto, o objetivo do presente artigo foi analisar as evidências científicas a respeito do desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas.

Pelo exposto, paira a dúvida acerca da sexualidade da pessoa acometida pelo TEA, se ocorre de maneira natural, no qual o imaginário e o simbólico tornam-se peças-chaves para o real concretizar, ou se há uma divergência entre o ser e o saber. A fim de compreender a forma mais adequada de promover orientação neste período crítico do desenvolvimento humano, frente aos desafios e barreiras que o TEA impõe, o objetivo do presente artigo foi analisar as evidências científicas a respeito do desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura sobre o desenvolvimento da sexualidade de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse tipo de estudo pretende resumir resultados alcançados em pesquisas acerca de um tema ou questão, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais de maneira sistemática, estruturada e englobante (Souza et al., 2010).

Para a organização do estudo foram seguidas as seguintes etapas metodológicas propostas por Mendes, Silveira e Galvão (2008): I) Estabelecimento da hipótese ou questão da pesquisa; II) Busca na literatura; III) Categorização dos estudos; IV) Avaliação dos estudos incluídos na revisão; V) Interpretação dos resultados; VI) Síntese do conhecimento. A partir delas, a seguinte questão norteadora foi adotada: como ocorre o desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas?

A busca na literatura foi realizada nas bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); Scientific Electronic Library Online (SCIELO); Base de Dados da Enfermagem (BDENF); Pub MED e MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), considerando o período de 2015 à 2020. Esse período foi estabelecido, considerando a data de publicação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), uma vez que a mesma traz em seu Art. 6º que a deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive

para exercer direitos sexuais e reprodutivos (Brasil, 2015).

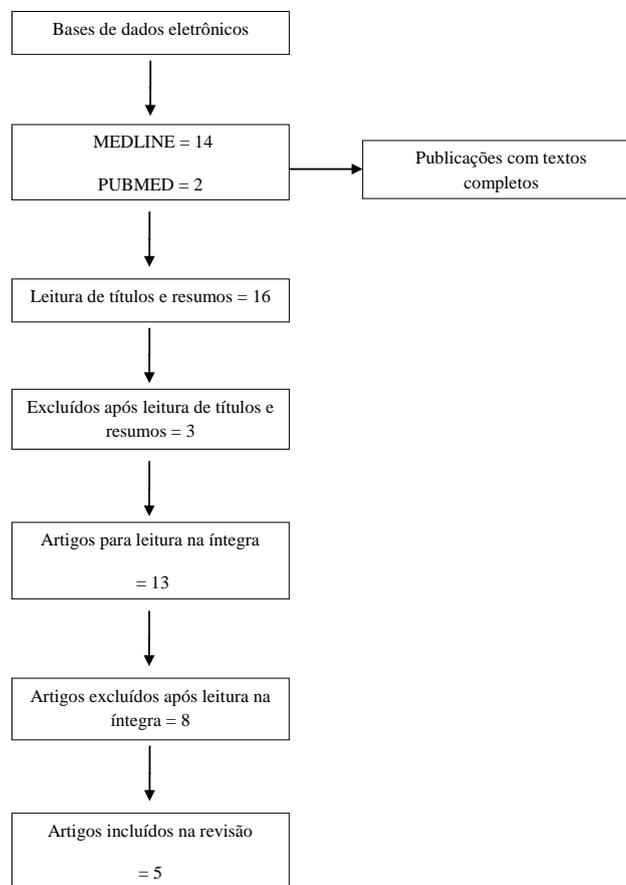
As buscas foram realizadas no mês de fevereiro de 2021, utilizando como critérios de inclusão: artigos originais disponíveis na íntegra em meio *online*, artigos publicados em idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídos do estudo: artigos de revisão bibliográfica, artigos incompletos, pontos de vista, teses e dissertações, livros, bem como, artigos que não traziam informações claras na metodologia.

Para as etapas de busca e de seleção dos artigos foram utilizados os termos: Educação Sexual, Sexualidade, Adolescente e Transtorno Autístico, indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no sistema de métodos médicos da língua inglesa Medical Subject Headings (MeSH), sendo que para a combinação da busca foram utilizados os operadores *booleanos* and, or e not. A coleta dos dados foi realizada por dois pesquisadores e confrontadas posteriormente, os quais, após a identificação dos artigos nas bases de dados para a seleção dos que comporiam a amostra do estudo, leram os títulos e os resumos. Com base nessa seleção prévia, os artigos foram lidos na íntegra e sintetizados em dois quadros, contendo: autor, título, periódico, ano, local, objetivo, resultados e conclusões, com a finalidade de proporcionar uma análise comparativa.

3. Resultados e Discussão

A busca com base nos descritores permitiu a identificação de 16 estudos nas bases de dados, sendo que após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos três estudos (2 estavam indisponíveis na íntegra e um estava duplicado), como mostra a Figura 1. Dos 13 artigos lidos na íntegra, apenas 5 se tratavam de artigos originais.

Figura 1. Fluxograma de seleção das publicações.



Fonte: Autores (2021).

Os artigos selecionados estão apresentados no Quadro 1, sendo possível analisar por suas características demográficas que a maioria foi realizada nos Estados Unidos, não sendo identificado nenhum estudo no Brasil.

Quadro 1. Caracterização demográfica dos artigos selecionados.

Autor	Título	Revista	Ano/Local
Holmes et al.	Family Sexuality Communication for Adolescent Girls on the Autism Spectrum	Journal of Autism and Developmental Disorders	2019, Philadelphia/USA
Visser et al.	A randomized controlled trial to examine the effects of the Tackling Teenage psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder	Journal of Child Psychology and Psychiatry	2017, Utrecht/Nederland
Mackin et al.	Parent Perceptions of Sexual Education Needs for Their Children With Autism	Journal of Pediatric Nursing	2016, Iowa/USA
Holmes et al.	Parental romantic expectations and parent-child sexuality communication in autism spectrum disorders	Autism: SageJournal	2015, Salt Lake City/USA
Ginevra et al.	The Differential Effects of Autism and Down's Syndrome on Sexual behavior	Official Journal of the International Society for Autism	2016, Melbourne/Australia

Fonte: Autores (2021).

O Quadro 2 apresenta as características metodológicas dos artigos, os quais evidenciam que os estudos predominantemente avaliaram pais de adolescentes autistas e dessa forma, percebe-se que os objetivos estavam voltados para descrever as expectativas, comunicação, conhecimento e percepções desses sobre o desenvolvimento da sexualidade dos adolescente autistas. Apenas um estudo apresentou características experimentais, mostrando efeitos positivos para a psicossocial saudável.

Quadro 2. Características metodológicas e conclusões dos artigos selecionados.

Autor	População	Objetivos	Conclusão
Holmes et al.	141 pais de meninas adolescentes com TEA.	Descrever a comunicação familiar sobre sexualidade para meninas adolescente com TEA.	Pais podem se beneficiar de mais orientação e uso de recursos diversificados enquanto conversam com meninas autistas sobre relacionamentos, saúde sexual e consentimento.
Visser et al.	189 adolescentes com TEA, cognitivamente capazes e com idades entre 12 a 18 anos.	Investigar os efeitos do programa <i>Tackling Teenage Training</i> (TTT) sobre resultados cognitivos (ou seja, conhecimento psicossocial e percepção das fronteiras interpessoais) e resultados comportamentais (ou seja, habilidades necessárias para relacionamentos românticos e comportamento sexual problemático).	O programa TTT é eficaz na esfera psicoeducacional para fornecer aos adolescentes com TEA o conhecimento e a percepção do que precisam para se prepararem visando um desenvolvimento psicossocial saudável.
Mackin et al.	15 pais de adolescentes com TEA.	Descrever as percepções dos pais sobre as necessidades de educação sexual de seus filhos portadores de TEA, com idades entre 14 e 20 anos, e determinar os mecanismos preferidos dos pais para a entrega de intervenções educativas.	Satisfazer as necessidades de informações dos adolescentes autistas constitui-se no primeiro passo para evitar riscos e promover uma sexualidade saudável.

Holmes et al.	190 pais de adolescentes com TEA entre 12 a 18 anos.	Examinar a relação entre os principais sintomas do TEA, as expectativas românticas dos pais e a oferta de educação sexual.	O fomento de expectativas e ações no âmbito familiar quanto à sexualidade dos jovens com TEA estão diretamente relacionadas com o quociente de inteligência (QI) apresentado por cada adolescente, ou seja, quanto maior a capacidade intelectual do filho, maiores serão as idealizações amorosas e oferta de educação sexual por parte dos pais.
Ginevra et al.	269 pais; sendo 94 pais de adolescentes com desenvolvimento típico, 93 pais de adolescentes com Síndrome de Down e 82 pais de adolescentes com TEA.	Investigar a sexualidade em adolescentes com TEA e Síndrome de Down, além de compará-los com adolescentes de desenvolvimento típico.	Os adolescentes com TEA apresentaram níveis mais baixos de comportamento social, conscientização sobre privacidade, educação sexual, comportamento sexual e maiores índices de preocupações dos pais em comparação aos demais grupos.

Fonte: Autores (2021).

Adolescentes com TEA possuem necessidades sexuais, visto que a puberdade desses indivíduos segue estágios normais de desenvolvimento. Entretanto, eles podem não possuir um correto entendimento do seu corpo e um inadequado desenvolvimento emocional, resultando em comportamento sexual impróprio (Beddows e Brooks, 2015). Adolescentes com TEA correm vários riscos em seu desenvolvimento psicossocial e podem ter acesso limitado a informações confiáveis sobre puberdade e sexualidade, enfatizando a necessidade de orientação específica em seu desenvolvimento psicossocial (Visser et al., 2017).

Ainda, estudo de revisão sistemática conduzido por Beddows e Brooks (2015) indica que eles possam desenvolver comportamentos atípicos que envolvem dificuldades significativas quanto ao exibicionismo, excitação inadequada, masturbação em público, ofensas de natureza sexual, dificuldades de identidade de gênero, falhas em estabelecer relacionamentos íntimos, além de abusos físicos e sexuais. Por sua vez, Cividini-Motta et al. (2019) sugere que estas ações em momentos e/ou locais inadequados é fruto da falta de consciência social e/ou falta de educação sexual.

Esses comportamentos inadequados, como masturbação em público, tirar a roupa e tocar outras pessoas de maneira sexual indesejada são deveras problemáticos dada a natureza dos tabus comportamentais e o potencial para consequências negativas significativas, como acesso restrito à comunidade, lesões e ramificações legais (Davis, et al., 2016). Além disso, na presença de depressão, o adolescente com TEA pode ser menos capaz de controlar seus impulsos sexuais e o tratamento de seus sintomas pode ajudar a diminuir a masturbação excessiva. A melhoria nas habilidades de auto-organização devido ao antidepressivo pode levar ao alívio deste sintoma (Çelikkol e Bilgiç, 2018).

Com início na infância, a construção das primeiras noções do autista sobre sua sexualidade é formada pela família e ampliada pelas matrizes de sentidos: escola, mídia, ciência, religião e política (Nascimento e Bruns, 2020). Assim, devido às dificuldades das famílias com relação à sexualidade dos filhos com TEA, um programa abrangente de educação sexual poderia acolher suas demandas específicas e orientar os membros familiares, discutindo possibilidades de ações educativas em casa (Otoni & Maia, 2019), visto que a educação sexual recebida na família, na escola e nas matrizes cartografam tabus, mitos, estigmas, valores e normas de como expressar o desejo sexual (Nascimento e Bruns, 2020).

Embora vista como a melhor solução para estes casos, a educação sexual baseada em evidências para indivíduos com TEA ainda é subdesenvolvida, mas sua necessidade aumenta à medida que o amadurecimento se consolida e os déficits sociais começam a ser manifestados, pois o conhecimento inadequado sobre os limites pessoais, em conjunto com o fascínio sensorial, complica ainda mais a resposta às mudanças de seus corpos (Ginevra et al., 2016).

Assim, Villamayor (2020) indica, através da visão de profissionais da educação, que as características de dificuldades no manejo das habilidades sociais, escassez da consciência de privacidade e autocontrole confirmam a necessidade de uma

abordagem específica, repleta de adaptações personalizadas. Essa introdução à sexualidade para pessoas com TEA deve ser feita, idealmente, envolvendo o trinômio: profissional especializado, família e adolescente, trazendo, pois, temas relacionados com a puberdade, aparência, primeiras impressões, desenvolvimento físico e emocional (Dekker et al., 2015). Isso deve ser abordado até que se estabeleça uma relação de confiança para a inclusão de temas como sexualidade e sexo; orientação sexual, masturbação, relação sexual segura e gravidez, estabelecendo e respeitando limites. Ainda, Ottoni e Maia (2019) destacam que as intervenções devem ser mais concretas do que abstratas; breves, específicas e claras; além de visuais, utilizando situações de vida real e repetidas frequentemente.

Quando nos referimos a características e sintomas do autismo em homens e mulheres, podem-se verificar manifestações diferentes, visto que mulheres com TEA tendem a camuflar ou mascarar seu comportamento diante das imposições sociais (Eckerd, 2020). Consonantemente, Cooper et al. (2018) descobriram que elas podem apresentar menos identificação e afiliação com seu gênero ao nascer, além de menor autoestima em relação a homens nas mesmas condições.

Nesse sentido, observações oriundas da revisão sistemática de Turner et al. (2017) reafirmam que indivíduos com TEA, especialmente mulheres, mostram uma maior diversidade na orientação sexual em comparação com a população sem autismo, demonstrando maior diversidade na orientação sexual em comparação à população sem diagnóstico.

No que lhe concerne, Kaltiala-Heino et al. (2019) investigaram as experiências sexuais de adolescentes encaminhados clinicamente com características de disforia de gênero, notabilizando que os adolescentes com histórico de tratamento devido ao TEA tiveram menos experiências de beijos e intimidade sexual com um parceiro quando comparados àqueles nunca tratados para autismo. Ainda, Pecora et al. (2020) postularam que mulheres autistas correm um risco maior de experiências sexuais adversas, principalmente quando apresentam identidades sexuais e de gênero diversificadas. Entretanto, não foram encontradas associações significativas que sustentassem essa tese, visto que mulheres cis e transgênero com TEA apresentaram coeficientes parecidos de experiências sexuais indesejadas.

Em seus achados, Cedano, et al. (2020) afirmam que o recebimento de um diagnóstico precoce ajuda a reconceituar as diferenças, fazendo com que os indivíduos com TEA se sintam identificados como parte de um grupo que os compreende, fortalecendo-lhes e dando-lhes uma sensação de pertencimento e bem-estar emocional, reduzindo os riscos de experiências adversas.

É dos pais a função de aconselhar os seus filhos, principalmente no enfrentamento de novos desafios. Com isso, a sexualidade é um desses temas a ser discutido dentro do ambiente familiar. Tal afirmativa é corroborada pela visão de 15 pais entrevistados por Mackin et al. (2016), que reconhecem seu papel de protagonismo em fornecer educação sexual para seus filhos. Todavia, também indicam uma falta geral de informações ou recursos necessários para gerenciar os riscos à saúde sexual ou comunicar de forma eficaz informações de saúde sexual com seus filhos.

Percebe-se ainda que os pais tendem a subestimar a experiência sexual ao longo da vida de seus filhos, especialmente experiências sexuais individuais, como masturbação e experiência com orgasmo. A subestimação dos pais e o desconhecimento da experiência sexual dos adolescentes podem influenciar a comunicação e a educação sobre sexo e sexualidade nas famílias (Dewinter, et al., 2016). Isso se deve muitas vezes porque os pais de crianças e adolescentes com TEA com sintomas mais severos não tem muita expectativa de que seus filhos possam se apaixonar ou ter um relacionamento afetivo ou sexual com um parceiro (Holmes et al., 2019). Para Brillhante et al. (2021), essa resistência é fomentada pela introjeção de falsas crenças sobre o autismo, seguindo o engano de que autistas são eternas crianças.

Ainda, Holmes et al. (2015) identificaram que as expectativas criadas no âmbito familiar estão diretamente relacionadas com o quociente de inteligência (QI) apresentado por cada adolescente, ou seja, quanto maior a capacidade intelectual do filho, maiores serão as idealizações amorosas por parte dos pais. Na mesma linha, o estudo de Hirotsawa et al. (2020) investigou a relação entre inteligência e reciprocidade social em pessoas com TEA. Os resultados indicam que fatores

como maior inteligência, menor idade e ser do sexo masculino estão relacionados a melhores taxas de cognição social no TEA.

Embora nem todo indivíduo com TEA opte por se envolver em atividade sexual, os pais e profissionais de saúde devem reconhecer que a educação sexual para esses adolescentes é importante para formar relacionamentos românticos, compreender corpos e limites, aumentar a segurança pessoal e evitar problemas legais (Curtis, 2017).

4. Conclusão

Respondendo o objetivo do presente estudo em analisar as evidências científicas a respeito do desenvolvimento da sexualidade em adolescentes autistas fica evidente que os resultados identificados permitiram reconhecer diversas lacunas do conhecimento, principalmente em relação à necessidade de educação e orientação sexual para indivíduos com TEA, as quais necessitam de uma abordagem conjunta e inclusiva por parte de profissionais, familiares e os próprios pacientes para a obtenção de avanços. O tema sexualidade é um assunto tabu em vários contextos. Porém, tratar desse tema relacionado às pessoas com algum tipo de deficiência, limitação ou necessidade especial é ainda mais complexo, mas fundamental para questionar equívocos, mitos e exclusões. Cabe ressaltar que muitos dos estudos são feitos com os pais e não com os portadores do transtorno, o que pode ser enriquecedor, saber a visão que têm sobre a sexualidade e como tratá-la no processo de ensino e aprendizagem com a ajuda da educação sexual. Destaca-se a importância de novas pesquisas nesta área aprofundando o tema sexualidade e autismo em adolescentes. Evidencia-se que algumas limitações merecem ser citadas, como a não utilização de um instrumento para análise da qualidade dos artigos. Similarmente, deve-se considerar o seguinte aspecto: devido à sua natureza, é improvável que, nesta revisão, a literatura atual tenha sido esgotada, inferindo que ainda existam potenciais lacunas acerca do comportamento sexual em indivíduos com TEA que não foram exploradas. Além disso, os estudos encontrados replicaram resultados de diversos contextos culturais.

Referências

- Beddows, N. & Brooks, R. (2015). Inappropriate sexual behaviour in adolescents with autism spectrum disorder: what education is recommended and why. *Early Intervention in Psychiatry*, 10(4), 282 – 289.
- Bernstein, N. R. (1992). *A sexualidade em adolescentes deficientes mentais*. Em M. Sugar, *Adolescência atípica e sexualidade*. Artes Médicas.
- Brasil. LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015.
- Brilhante A. V. M., Filgueira, L. M. A., Lopes, S. V. M. U., Vilar, N. B. S., Nóbrega, L. R. M., Pouchain, A. J. M. V. & Sucupira L. C. G. (2021). “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(2), 417 – 423.
- Cedano, Y. M., Rivera-Caquías, N., Alvarez-Alvarez, M. & Vega-Carrero, M. (2020). Transtorno del espectro autista en féminas. *Revista Caribeña de Psicología*, 4(3), 281 - 294.
- Çelikkol, C. & Bilgiç, A. (2018). Excessive Masturbation Successfully Treated with Fluoxetine in an Adolescent with Autism Spectrum Disorder and Coexisting Depression. *Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology*, 28(7), 491 – 492.
- Cividini-Motta, C., Moore, K., Fish, L. M., Priehs, J. C. & Ahearn W. H. (2020). Reducing Public Masturbation in Individuals With ASD: An Assessment of Response Interruption Procedures. *Behavior Modification*, 44(3), 429 - 448.
- Cooper, K., Smith, L. G. & Russel, A. J. (2018). Gender identity in autism: sex differences in social affiliation with gender groups. *Journal of Autism and Development Disorders*, 48(12), 3995 - 4006.
- Curtis, A. (2017). Why Sex Education Matters for Adolescents with Autism Spectrum Disorder. *American Journal of Nursing*, 117(6), 11.
- Davis, T. N., Machalicek, W., Scalzo, R., Kobylecky, A., Campbell, V., Pinkelman, S., Chan, J. M. & Sigafos, J. (2016). A Review and Treatment Selection Model for Individuals with Developmental Disabilities Who Engage in Inappropriate Sexual Behavior. *Behavior Analysis in Practice*, 9(4), 389 – 402.
- De Tilio, R. (2017). Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 7(1), 36 - 58.
- Dekker, L. P., Vegt, E. J. M., Visser, K., Tick, N., Boudesteijn, F. C. V., Maras, A. & Greaves-Lord, K. (2015). Improving Psychosexual Knowledge in Adolescents with Autism Spectrum Disorder: Pilot of the Tackling Teenage Training Program. *Journal of Autism Development and Disorders*, 45(6), 1532 – 1540.

- Dewinter, J. Vermeiren, R., Vanwesenbeeck, I. & Van Nieuwenhuizen, Ch. (2016). Parental Awareness of Sexual Experience in Adolescent Boys With Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(2), 713 - 719.
- Dickerson, M. U. (1982). New challenges for parents of the mentally retarded in the 1980s. *The Exceptional Child*, 29 (1), 5 - 12.
- Eckerd, M. (2020). Detection and diagnosis of ASD in females. *Journal of Health Service Psychology*, 46(1), 37 - 47.
- Fernandes, L. C., Gillberg, C. I., Cederlund, M., Hagberg, B., Gillberg, C. & Billstedt, E. (2016). Aspects of sexuality in adolescents and adults diagnosed with autism spectrum disorders in childhood. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(9), 3155 - 3165.
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: A Vontade do Saber*. Graal.
- Ginevra, M. C., Nota, L. & Stokes, M. A. (2016). The differential effects of Autism and Down's syndrome on sexual behavior. *Autism Research*, 9(1), 131 - 140.
- Hirosawa, T., Kontani, K., Fukai, M., Kameya, M., Soma, D., Hino, S., Kitamura, T., Hasegawa, C., Na, K., Takahashi, T., Yoshimura, Y. & Kikuchi, M. (2020). Different associations between intelligence and social cognition in children with and without autism spectrum disorders. *PLoS One*, 15(8), 01 - 18.
- Holmes, L. G., Himle, M. B. & Strassberg, D. S. (2015). Parental romantic expectations and parent-child sexuality communication in autism spectrum disorders. *Autism*, 20(6), 687 - 699.
- Holmes, L. G., Strassberg, D. S. & Himle, M. B. (2019). Family sexuality communication for adolescent girls on the autism spectrum. *Journal of Autism Development and Disorders*, 49(6), 2403 - 2416.
- Kaltiala-Heino, R., Tiolajarvi, M. & Lindberg, N. (2019). Sexual experiences of clinically referred adolescents with features of gender dysphoria. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 24(2), 365 - 378.
- Lacerda, M. R. & Costenaro, R. G. S. (2016). *Metodologia da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática*. Moriá.
- Lipp, M. N. (1988). *Sexo para deficientes mentais. Sexo e excepcional dependente e não dependente*. Cortez.
- Mackin, M. L., Loew, N., Gonzalez, A., Tykol, H. & Christensen. (2016). Parent perceptions of sexual education needs for their children with autism. *Journal of Pediatric Nursing*, 31(6), 608 - 618.
- Meeus, W. (2016). Adolescent Psychosocial Development: A review of longitudinal models and research. *Developmental Psychology*, 52(12), 1969 - 1993.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758 - 764.
- Moraes, A. L., Costa, S. C. S., Silva, S. S., Boulhosa, M. F., Feitosa E. S. & Costa, C. M. L. (2019). O adolescente e sua sexualidade: uma abordagem em educação e saúde na escola. *Enfermagem em Foco*, 10(2), 149 - 154.
- Nascimento, T. R. C. & Bruns, M. A. T. (2020). A família e a de sexualidade de filhos/as autistas: o que a literatura científica nacional oferece?. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 30(1), 8 - 13.
- Nosek, M. A., & Simmons, D. K. (2007). Sexual and Reproductive Health Disparities Experienced by People with Disabilities: Myth versus Reality. *Californian Journal of Health Promotion*, 5(1), 68 - 81.
- Oliveira, A. A. & Machado F. C. L. (2018). Adolescência, suicídio e o luto dos pais. *Revista UNINGÁ*, 55(2), 141 - 153.
- Otoni, A. C. V. & Maia, A. C. B. (2019). Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(2), 1265 - 1283.
- Pecora, L. A., Hancock, G. I., Hooley, M., Demmer, D. H., Attwood, T., Mesibov, G. B. & Stokes, M. A. (2020). Gender identity, sexual orientation and adverse sexual experiences in autistic females. *Molecular Autism*, 11(1), 1 - 16.
- Pinheiro, J. C. & Filho, E. L. L. (2020). Afetividade na aprendizagem do aluno com transtorno do espectro autista. *Revista Expressão Católica*, 9(1), 71 - 79.
- Da Rocha, M. V. & De Mesquita, A. C. C. (2018). Liberdade Sexual: autismo e a disposição ao próprio corpo. *Revista Duc In Altum Cadernos de Direito*, 10(22), 05 - 23.
- Souza, M. T., Silva, M. D. & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102 - 106.
- Turner, D., Briken, P. & Schottle, D. (2017). Autism-spectrum disorders in adolescence and adulthood: focus on sexuality. *Current Opinion in Psychiatry*, 30(6), 409 - 416.
- Villamayo, V. L. (2020). Expresión sexual de las personas con TEA: percepción de los profesionales de la educación. *Siglo Cero*, 51(2), 33 - 53.
- Visser, K., Greaves-Lord, K., Tick, N. T., Verhulst, F. C., Maras, A. & Van Der Vegt, E. J. M. (2017). A randomized controlled trial to examine the effects of the Tackling Teenage psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(7), 840 - 850.
- Zerbinatti, J. P. & Bruns, M. A. T. (2017). Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. *Revista Travessias*, 11(1), 76 - 92.